

FRESCOBOL NO RIO DE JANEIRO: INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS

Renata Sá de Oliveira Figueiredo;

Vera Lucia de Menezes Costa;

Lamartine Pereira da Costa

Programa de Pós-graduação em Educação Física

Universidade Gama Filho

Resumo: *O frescobol, atividade esportiva criada no verão de 1945, praticado a beira mar, tende a evidenciar o comportamento rebelde típico da juventude carioca. Apesar de proibido à beira d'água e perseguido por várias décadas, verifica-se a transgressão desta ordem aparentemente consentida pelos usuários deste espaço. As diferentes tentativas de institucionalização, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo (Santos - Afesp), nos permite interpretar que o seu caráter lúdico-cooperativo, assim como a valorização da beira d'água, dificultam a criação de critérios para a sua pontuação. Essas observações indicam que futuros trabalhos podem orientar-se na perspectiva da história da rebeldia juvenil e da vocação lúdica do carioca.*

Unitermos: *história do frescobol; esporte de praia; esporte de lazer.*

Abstract: *The frescobol is a beach sport created at Rio de Janeiro in 1945. Practiced at the sand stripe mostly close to the water this activity revealed a connection to the defiant and subversive subculture of carioca's (inhabitant of Rio de Janeiro) way of life. Although submitted to repressive measures by City's authorities, the frescobol survived until present days. So far historical records of this sport show what may be called a transgression of order consented by social groups. This evidence is confirmed by some initiatives in Rio de Janeiro and São Paulo in which it was added a competitive character to the ludic manifestation of frescobol. The difficulties to create a punctuation rules to this ludic-coöperative game are reported. In all, the findings may contribute to future studies in history of carioca's rebel and ludic vocation.*

Introdução

O frescobol surgiu na praia de Copacabana, no verão de 1945, último ano da Segunda Guerra Mundial. (Gerheim, 1992), (Moura, 1987, 1990), firmando-se como uma prática de lazer que se estendeu pelas praias de todo Brasil (Moura, 1987).

O posto Dois e Meio em frente ao Hotel Copacabana Palace, um dos raros prédios da Avenida Atlântica, foi o berço desta prática que rapidamente transformou-se no mais popular e também no mais polêmico esporte de praia da época e das quatro décadas que se seguiram. Segundo Gerheim (1992), substituiu a peteca como o jogo de praia preferido dos rapazes do Clube dos Cafajestes (grupo de jovens *playboys* da década de 40 e 50 liderados por Mariozinho de Oliveira e Eduardo Henrique de Oliveira). O frescobol floresceu ao lado deste clube que representava o espírito lúdico e boêmio carioca.

A praia representou para o carioca uma opção de lazer, de liberdade e de descontração contribuindo para a formação da mentalidade lúdica dos habitantes da cidade, desenvolvendo-lhes a vocação para desfrutar o prazer que as condições de clima tropical e praias oferecem. No início do século, segundo Rosa Maria Araujo no livro *A Vocação do Prazer: a Cidade e a Família no Rio de Janeiro Republicano*, a seriedade dos costumes das famílias foi cedendo lugar a comportamentos mais alegres e divertidos quando os frequentadores da praia, ao se vestirem com roupas de banho para brincar na areia, banhar-se ao sol e mergulhar nas águas do mar, assumem um comportamento descontraído. As pessoas eram vistas cantando, assoviando, dançando e, segundo a autora, ficavam endiabradas, cometendo loucuras.

A história do **frescobol** parece confundir-se com a história da juventude desta década que elegeu a praia, a vida ao ar livre como uma filosofia de vida.

Maria Eugênia Celso no artigo *A Mística da Praia*, publicado no JB de 19/01/1950 aponta a praia de Copacabana como a primeira a abrigar os amantes da natureza e do esporte e observa que “o carioca outrora metido em fraques ou sobrecasacas perdeu o medo do seu sol e do seu vento, passando a não só ir à praia como a morar em frente à praia e a passar uns tempos na praia” (p.6). O carioca incorporou a praia no seu dia a dia como gênero de primeira necessidade. Para a autora isso se deve à influência higienizadora da mística da praia, o que entretanto estava sendo levado a extremos, chegando à beira da vadiagem, o que fazia com que algumas famílias, para fugir a essa influência, mudassem suas residências para outros lugares.

O frescobol é também a história da repressão policial que sofreu o esporte, ao longo das décadas que se sucederam. A proibição de sua prática à beira d'água, segundo depoimento pessoal de Leoni Nascimento, não impediu que o frescobol se tornasse um dos mais populares esportes de praia. É ainda a história da transgressão de uma lei e do consentimento desta transgressão pelos usuários deste espaço público: os jogadores e os banhistas (Costa e outros, 1996).

Para Moura (1987), um excelente exercício físico e ótimo entretenimento que contribui na formação dos reflexos, além de ser um esporte barato, acessível a todas as camadas sociais, sem discriminação de sexo ou de idade. Mesmo sendo criado no Brasil a dinâmica do jogo tem sua fundamentação em práticas com bolas e raquetes.

Antecedentes

Carl Diem no livro *Historia de los Deportes* (1966) mostra que a prática do jogo com bola reflete a tradição da Antigüidade, sendo introduzida pelas legiões romanas na Espanha, França e Inglaterra. Segundo ele, no livro *Trattato del Giuoco della Palla* (1555) do humanista italiano Antonio Scaino (1524 - 1612), havia registro de duas modalidades desses jogos: um que toma e devolve a bola (bate e rebate) e os jogos que a perseguiam. No primeiro tipo, jogado entre duas equipes separadas por uma rede, usava-se uma bola oca, grande, impulsionada com o punho cerrado ou com o antebraço protegido com uma defesa de madeira. Também podia ser usada uma bola pequena, jogada com a palma da mão ou com uma raquete, introduzida no início do século XVI. Tal como no tênis atual, a bola podia tocar uma vez o solo antes de ser rebatida. Para o autor essas são as formas primitivas do Voleibol e do Tênis.

Goethe, segundo o mesmo autor, em sua viagem pela Itália, observou em 1786, em Verona, um alegre encontro de quatro jogadores locais, registrando a animação das palmas que acompanhavam as jogadas bem sucedidas. Descreveu-o com uma pequena distância de dois tablados elevados, ligeiramente inclinados, onde, impulsionada por uma raquete de madeira, a bola é lançada e devolvida. Uma equipe lançava, outra rebatia e ia aumentando a força do golpe. O jogo era interrompido quando a bola caía.

O porte dos jogadores, a alegria, os risos e os festejos públicos dos sucessos caracterizavam esse jogo observado por Goethe também em Veneza e Parma.

Da obra de Scaino percebeu-se que havia possibilidade do jogo com e sem rede, da simples diversão à competição. Usava-se bola inflada ou recheada com palha e lã. Fica evidenciado que o jogo com bola pequena se jogava sem rede à distância e com a palma da mão, ou com rede (às vezes separada por corda) e com a palma da mão, ou com rede e raquete. Os jogadores de uma equipe eram os *battitori* e, os contrários eram os *ribattitori*.

Essa forma de jogar era de influência francesa devido ao intercâmbio entre Itália e França, por onde circulavam artistas e desportistas.

A vida esportiva na França da Idade Média correspondeu, segundo o historiador francês Jean Froissart (1337-1410) a jogos com bola e com raquete. O *jeu de Paume* passou a ser moda: impulsão de bola com a palma da mão, logo resguardada por uma luva, depois assumindo variações de *courte e longue paume* (referem-se à distância dos jogadores), com raquete, bastões com extremidade curva. Eram praticados por sacerdotes, mais tarde evoluindo para o pátio dos castelos, sendo bem aceitos pela aristocracia.

Em 1450 aparece na França a raquete, cuja palavra possivelmente procede do árabe *rahat* através da palavra *racha* que designa o dorso da mão, que passou ao francês na versão *raquette* (Diem, 1966, p.365).

A bola no século XVI na França é simplesmente posta em jogo. Até então, nas lutas e esporte cavalheirescos o objetivo era por o adversário em dificuldade, encurralá-lo, desequilibrá-lo, derrubá-lo. No caso, o sentido do jogo muda, imprimindo-se à bola o foco de atenção. Voleios, rolamentos, perseguições visavam acertar alvos.

Na Inglaterra os jogos de bola sempre tiveram grande prestígio. Passaram por diversas formas: o tênis de mão - jogado com a palma das mãos, com cinco dedos ou em equipe de cinco jogadores (*fives*), com luvas (*globe fives*), com raquete de madeira (*club-ball*) quando começou a regulamentar-se. Em forma de tamborete (*stool-ball*); na Inglaterra assume a forma do cricket e na América, do baseball; o hockey e o futebol nasceram também desse tronco (Diem, 1966).

O jogo de tênis desenvolveu-se paralelamente na França. Não se sabe se já era conhecido na Inglaterra ou se foi importado pelos normandos (Diem, 1966). Na origem, foi um jogo aristocrático que era praticado nos pátios dos castelos até o século XVII passando a partir daí a serem jogados em quadras cobertas. Do seu material (raquete e bola), de seu modo de jogar (à distância e com voleios da bola) surgiu a inspiração do tênis de praia, mais tarde apropriado como frescobol.

O Jogo de Frescobol

O presente estudo se propõe a interpretar o frescobol como uma criação híbrida dentro do marco teórico de Pociello (1995). Enquanto tal define-se como um jogo de caráter lúdico cooperativo (Costa & Tubino, 1995), praticado na areia da praia, preferencialmente à beira d'água. A disputa se dá geralmente entre dois jogadores, consistindo em impulsionar uma bolinha de borracha de um lado para o outro com o auxílio de uma raquete de madeira. O espaço mantido entre os jogadores evidencia dois tipos de jogo: rápido e curto ou forte e longo. Em função deste espaço eles mantêm um deslocamento permanente (Costa e outros, 1996), revezando-se nos papéis de emissor e receptor de bola. Além do jogo em dupla são encontradas as disposições: dois/um (trinca), três/um (três batendo e um recebendo) e dois/ dois (duas duplas) (Tubino, [s.d.]).

O objetivo é manter a bola em movimento o maior tempo possível, imprimindo cada vez mais velocidade ao jogo. Sua originalidade refere-se justamente a este objetivo, que em última instância, não coloca seus praticantes em situação de enfrentamento e sim, paradoxalmente, como parceiros (Costa & Tubino, 1995). Isso porque não existindo pontos a serem alcançados, não existe um vencedor e portanto inexistente a eliminação.

Atribui-se ao industrial paraense, nascido a 5 de março de 1918 na cidade de Belém, Lian Pontes de Carvalho, (Moura 1990, 1987), a paternidade do jogo de frescobol. Segundo Gerheim (1992), há controvérsias que apontam o engenheiro Moacir Moura Castro como o inventor do jogo. Entretanto, os depoimentos pessoais da viúva de Lian, senhora Maria Elena Barros Pontes de Carvalho, residente à avenida Borges de Medeiros 83/101, bem como do irmão caçula Inal Pontes de Carvalho, residente em São Paulo, garantem-lhe a autoria. Segundo eles, Lian, falecido em dezembro de 1995, sempre foi uma amante da vida ao ar livre, da praia e do mar. Passava a maior parte do seu dia em contato com a natureza. Encontramos em Moura (1990) que um de seus hobbies favoritos era mergulhar com um amigo nos destroços do navio inglês Madalena, que naufragou na entrada da barra na década de 40. Aos setenta e dois anos ainda tinha um sonho: construir um barco (uma gaiola do Amazonas de dois andares). "*Quero morar dentro d'água*" (entrevista A final, quem é Lian? Jornal do Brasil em 1990).

Seu caráter inventivo e sonhador, as referências encontradas em suas entrevistas nos permite reconhecê-lo como o criador do frescobol.

Residia no prédio nº 1496 que ficava na esquina da Rua Duvivier com Avenida Atlântica.

"Eu morava desde os dezessete anos na Avenida Atlântica, na beira da praia. Tudo começou como uma brincadeira de moleque. Eu brincava com uma tabuinha e uma bola de tênis descascada, quando o campeão de tênis Julio de Abreu, se entusiasmou com a idéia, sugerindo que eu desse um formato àquela madeira. Eu tinha uma fábrica de esquadrias e fui melhorando, dando forma, jogando na praia, modificando, até

que chegamos a um ponto que ela existe até hoje" (Entrevista de Lian a Moura, 1990)

O nome frescobol atribui-se ao arquiteto Julio Sena (M. E. Carvalho, 1996), (Jornal do Brasil, 1990), (Suede, 1984), com quem Lian trabalhou por muitos anos, na decoração de interiores de prédios. Foi ele quem teria feito a gozação: "É um jogo de frescos", logo adotado pelos tenistas enciumados com o sucesso do jogo. Segundo Maria Elena e Inal (1996), os tenistas o convidavam para jogar tênis, mas ele não queria sair da praia. Daí o jogo ser considerado por muitos como uma adaptação do jogo de tênis para a praia.

Em Moura (1987) encontramos que o esporte se estendeu do Leme ao Posto Seis com o nome de "jogo de raquetes" ou "tênis de praia". No início da década de 50 quando proibido, sofreu uma campanha contrária por parte da imprensa e pelos incomodados com o novo esporte que o apelidaram pejorativamente de *coisa de frescos, jogo de frescos* e logo, *frescobol*. Os frescobolistas gostaram e adotaram o nome. A outra versão também apontada por Moura (1987), é que o nome frescobol seria devido ao fato de o jogo ser praticado na beira d'água, ou seja, no fresco.

Dentre os primeiros jogadores, além de Lian Pontes de Carvalho e Julio de Abreu encontravam-se Armando Vieira, campeão brasileiro e sul-americano de tênis, e Newton Barbosa, do Clube dos Cafajestes e ex-goleiro do Bangu (Moura, 1990), (Suede, 1984).

As primeiras raquetes foram confeccionadas por Lian. Segundo Maria Elena (1996), não eram inteiriças como as de hoje, sendo o cabo mais frágil. Isso porque Lian as fazia com as sobras das ripas de madeira de sua fábrica de móveis, ARCA, para piscina e pranchas de madeira, no Km 0 da Rodovia Presidente Dutra.

"Aqueles que não podiam mandar fazer as suas raquetes, cortavam pedaços de madeira nas obras dos prédios da Avenida Atlântica e lhes davam forma e acabamento, aparando-as árdua e pacientemente com cacos de vidro, serra tico-tico e lixa" (Moura, 1987, p.22).

Segundo Lian (em entrevista a Moura 1990) a primeira raquete foi uma tábua de pinho de primeira, de 23cm de largura que ia afinando o punho. Bem redonda, do tipo de uma frigideira, que tinha o punho envolvido por uma espécie de cordão para maior aderência à mão. As raquetes eram rústicas e pesadas (Moura 1987). Depois passou-se a usar também o cedro na sua feitura. Com o tempo os cabos foram encurtando e as raquetes envernizadas ou pintadas para protegê-las da água.

Atualmente a medida da raquete de frescobol é de aproximadamente 45cm de comprimento (incluindo o cabo) e de 21cm de largura na pá (Moura 1987). Embora encontrada nas lojas de artigos esportivos, também em fibra de vidro, há ainda quem prefira mandar fazer a sua raquete de acordo com a sua característica de jogo: leves para atacantes, batedores ou cortadores e pesadas para defensores, aparadores ou seguradores (Moura 1987).

Jogava-se com bola de tênis descascada, hábito que se manteve até 1976, quando começaram a ser adotadas as bolas americanas de *racquet-ball*, de borracha

pressurizada, na cor preta. Inicialmente trazidas por um piloto de helicóptero, tornaram a prática mais ágil e dinâmica (Moura, 1987).

Os salva-vidas locais foram os primeiros a venderem as raquetes que Lian fabricava. Jonga, Sebastião e Emilson eram jogadores de frescobol e também da Turma dos Cafajestes (Inal Pontes de Carvalho, 1996), (JB, 1990), (M.Elena Pontes de Carvalho, 1996), (Moura, 1990). Houve uma época em que eles vendiam umas cinquenta (50) raquetes por dia e ganhavam a comissão.

Até que um dia, segundo o inventor, apareceu na praia um executivo das lojas *A Exposição* (situada na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua São José). Ele passou a vender-lhe todo o estoque produzido, mas não se recorda por quanto. (reprodução em xerox de recortes de jornal do arquivo pessoal de Lian, com fontes não identificadas, provavelmente de 1990).

À entrada do verão de 1950 a loja SPORT d'A Exposição Avenida anunciava para o homem esportivo... que gosta de fazer exercícios ao ar livre...pelos menores preços do Rio, dentre outros artigos de verão, um conjunto de tênis de praia com duas raquetes de madeira de lei e uma bola de tênis em cor, por um preço sem comparação - Cr\$ 68 (Jornal dos Sports, 1950, p.3).

Já no verão de 1992, a *griffe* Lion de raquetes de frescobol “é a mais cobiçada entre os praticantes”, considerada “o máximo do luxo de um esporte simples e barato” (Gerheim, 1992, p.34).

Interpreta-se então que essa prática esportiva como lazer, produzida econômica, social e culturalmente se ajusta à oferta de seus produtores, oferecendo a cada temporada acessórios como necessários e imprescindíveis, despertando nos praticantes o desejo de consumi-los.

Pociello (1995) no livro *Les Cultures Sportives*, analisa essa dinâmica e aponta que há um sistema de práticas esportivas, de estruturas, de gostos e de comportamentos esportivos, de imagens culturais e de representações simbólicas que definem, organizam e orientam a demanda social das atividades, considerando os objetos e os espaços necessários para se manifestarem. Para ele esse sistema se apóia na evolução dos modos de vida e das ideologias.

A moda e a valorização da beira d'água

No final dos anos 50, do Leme ao Posto Seis, Copacabana era uma fila única de frescobolistas, “assim como uma cobra” (Inal, 1996), que se comprimia junto à beira d'água.

Para Nascimento (1996), a valorização desta faixa de areia junto à água, explica-se pelo prazer de se estar próximo ao mar. “A água impede a bola de ir tão longe. Na beira d'água tendo outros jogadores, um ajuda o outro ... Por outro lado a beira d'água é o local onde as pessoas passeiam, paqueram e podem se exibir melhor”.

Na década de 60, a praia da Urca, por ser de pouca extensão e abrigar muitas duplas de jogadores, foi palco das mais acirradas disputas pela beira d'água, chegando ao ponto de se estabelecer uma hierarquia para se utilizar o espaço à beira d'água. Os

que estavam aprendendo ficavam em cima (faixa superior de areia) e só conquistavam o direito de descer quando reconhecidos como bons jogadores (Nascimento, 1996).

Em outro estudo intitulado Frescobol - Representações Simbólicas do Espaço Lúdico, Costa e outros (1996), analisa como um espaço comum pode tornar-se privado de acordo com a necessidade de quem o utiliza (Teixeira Coelho, 1993) e, como o espaço torna-se o *lugar* eleito para quem o valoriza (Tuan, 1983). Analisa ainda os significados dos símbolos que representam esta valorização: água, areia, céu, sol, herói e narciso (Chevalier, 1992). Essas representações formam a rede de significados que suportam os valores que norteiam o comportamento dos usuários desse espaço lúdico.

A repressão nas praias do Rio e a transgressão consentida

Em 1950/51 o frescobol foi proibido pela polícia em Copacabana (Moura 1987). A valorização da beira d'água parecia incomodar aos andarilhos e aos que tinham que atravessar as duplas de jogadores para se chegar até o mar. "Muitas vezes quando atingíamos um turista do hotel, eles chamavam a polícia, mas quando a vítima era brasileira, ficava só no papo. A praia não vivia cheia e éramos amigos. Hoje, onde tem muita gente, a proibição é necessária" (Lian em entrevista a Moura, 1990).

Transferiu-se então para a praia do Arpoador e em seguida para a praia do Diabo, local liberado, que segundo Moura, (1987), tornou-se a grande "academia do frescobol" durante mais de trinta anos. Ainda na década de 50 propagou-se pelo Castelinho, Ipanema e Leblon, atingindo a Ilha do Governador e Niterói.

Em 1958/60, especificamente na praia em frente ao antigo bar Castelinho, em Ipanema, foi, segundo Nascimento (1996), o "*boom*" do frescobol.

Com vistas a resguardar a segurança dos freqüentadores, a proibição à beira d'água manteve-se, o que fez com que diminuísse o número de praticantes, pois ainda segundo Nascimento alguns jogadores recusavam-se a jogar em cima, longe do mar, pois só gostavam de jogar com água no tornozelo.

Para Moura (1987), a intensa repressão policial e as campanhas negativas veiculadas na imprensa não fizeram mais do que contribuir para a popularidade do frescobol. "O que não é considerado lícito sempre despertou a paixão humana" (p.25). Quando os policiais chegavam no Castelinho eram vaiados e recebiam copos de papel para refresco cheios de areia. Os jogadores costumavam enterrar suas raquetes ou nadar com as raquetes entre as pernas juntando-se aos surfistas, também perseguidos por causa das grandes e pesadas pranchas de madeira que utilizavam.

No anos 70, segundo Moura (1987) o combate ao frescobol prosseguia, mas com o passar dos anos os jogadores aprenderam a conviver com a repressão, montando um sistema de avisos e mensagens que envolvia salva-vidas, vendedores ambulantes e outros desportistas. Quando pegos, tentava-se argumentar com os policiais mas, na maioria das vezes, as raquetes eram recolhidas.

No verão de 81, para o mesmo autor, a repressão chegou ao seu apogeu, quando raquetes e bolas eram confiscadas, arbitrariamente, até de quem as estivesse apenas portando. Nos quartéis de polícia eram destruídas com serra elétrica e as bolas perfuradas. Durante algum tempo a operação obteve sucesso, mas rapidamente o

frescobol ressurgiu com força total. Percebendo-se a impossibilidade de se acabar com o frescobol os policiais passaram a orientar os praticantes a jogarem na areia fofa ao lado das redes de voleibol e dos campos de futebol. A Resolução da Secretaria de Segurança Pública de nº 0451, em 16 de dezembro de 1981 regulamentou todas as atividades desportivas nas praias do Rio, determinado as áreas específicas para o frescobol, entre a calçada e as redes de voleibol. O frescobol à beira mar é proibido das 8h às 14h.(Gerheim, 1992).

A cada verão agravam-se a polêmica e os conflitos causados pelo frescobol intensificando a necessidade de campanhas educativas. Apesar de haver registros de acidentes sérios provocados pela transgressão da resolução em vigor, o comportamento dos usuários é controvertido: ora advertem e exigem o cumprimento da ordem e ora o permitem, na medida em que não se organizam para modificar essa realidade.

A evolução da técnica e a tentativa de se estabelecer regras e organizar campeonatos

Segundo Nascimento (1996), desde a década de 60 já se tentava marcar a quadra e a se estabelecer a dupla melhor ou pior de acordo com o tempo que a bola ficava em jogo. O caráter recreativo e não competitivo do jogo impediu na época, o aparecimento de um número significativo de seguidores que justificasse a sua institucionalização. Entretanto, Gerheim (1992), observa que o frescobol vem evoluindo tecnicamente, ganhando uma batida violentíssima, quando se torna difícil acompanhar a bolinha numa cortada que pode atingir a velocidade de 200km/h. Além da técnica, o mais carioca dos jogos de praia, ganhou também regras, pontuações e torneios. As competições são quase sempre em São Paulo organizadas desde 1990 pela Associação de Frescobol do Estado de São Paulo (Afesp) que estabeleceu critérios para as duplas dos jogadores.

Outra tentativa de institucionalização do frescobol é de iniciativa do carioca Jorge Brisson que, em 1990, introduziu traves para marcar gol. Não foram encontrados registros posteriores a essa data que evidencie a sua aceitação.

A alteração da lógica cooperativa do jogo para a lógica competitiva, no RJ, parece não ter tido êxito entre os adeptos dessa prática que insiste em sua vocação lúdica.

Considerações Finais

O frescobol no Rio de Janeiro se apresentou para nós como um jogo onde predomina o estilo de vida jovem de seus praticantes, apaixonados pelo mar, sol, areia, vento. Ele nasceu e se mantém com o estigma da rebeldia da adolescência, elegendo a beira d'água como o lugar que é investido de sentido lúdico, marcando em controvérsia o direito à segurança dos freqüentadores da praia. Ultrapassando o sentido da sociabilidade existente na praia, permite a seus praticantes o tempero do gosto, da aventura e da jovialidade. Esse modo de *curtir* a vida aparece ao mesmo tempo como reforço e gerador do espírito lúdico do carioca. Seu trajeto histórico evidencia que ele vem resistindo às tentativas de institucionalização, o que permite apontar que futuros

estudos possam se orientar nas perspectivas da rebeldia de um grupo que o cria, que se mantém à beira d'água apesar das proibições e ignora a segurança dos outros frequentadores da praia.

Referências bibliográficas:

- ARAUJO, Rosa Maria Araujo (1993). A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco.
- CELSO, Maria Eugênia (1950, 19 de janeiro). A mística da praia. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, p.6.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain (1992). Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio.
- COSTA, Vera L.M., FIGUEIREDO, Renata S.S.O., SILVA, Carlos Alberto F. da, NOVAES, Giovanni (1996). Frescobol: representações simbólicas do espaço lúdico. (Tema Livre) Coletânea do 3º Congresso Latino-Americano da ICHPER sd. Foz do Iguaçu, p.623.
- COSTA, Vera L.M., TUBINO, Manoel J.G. (1995). Práticas populares de esporte na praia: estudos dos jogos de frescobol. In Sebastião Josué Votre./et alii/ (Orgs). Cultura, Atividade Corporal e Esporte. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho.
- DIEM, Carl (1966). Historia de los deportes. Barcelona: Luis Caralt.
- GERHEIM, Fernando (1992, 27 de setembro). Agora é pra valer. Rio de Janeiro: Revista de Domingo (JB), nº 856, p.32-34.
- MOURA, Fernando (1987). Frescobol, um esporte como outro qualquer. Rio de Janeiro: SESC- Departamento Nacional- Intercâmbio, abr/jun (30), p.21-27.
- MOURA, Fernando (1990). Lian Pontes. Este homem inventou o frescobol. Cabo Frio: (fonte não identificada).
- NASCIMENTO, Leoni (1996). (Depoimento Pessoal).
- TEIXEIRA COELHO, J. (1993). A construção do sentido na arquitetura. São Paulo: Perspectiva.
- PONTES DE CARVALHO, Maria Elena Barros (1996). (Depoimento Pessoal).
- PONTES DE CARVALHO, Inal (1996). (Depoimento Pessoal).
- POCIELLO, Christian (1995). Les cultures sportives. Paris: Presses Univeersitaires de France.
- SUED, Ibrahim (1984, 16 de dezembro). Origem do frescobol. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, Segundo Caderno, p.2.
- TUAN, Yi-Fu (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.
- TUBINO, Manoel J.G. [s.d.] Dicionário de esportes. (no prelo).
- UM JOGO DE FRESCO (1990, 21 de janeiro). Rio de Janeiro: Revista de Domingo, (JB), nº 716, p.19.